



Boletim Março - Cenário Econômico

O mês de março foi marcado pelo avanço do coronavírus ao redor do mundo. A China, epicentro da doença em janeiro, tem mostrado uma certa volta à normalidade. Porém, em fevereiro passado, houve um rápido avanço de seu contágio em outros países e regiões, fazendo com que a Itália e Espanha se tornassem o novo epicentro da doença. No final de março, a situação se alastrou para os EUA, e este país deve se tornar o novo epicentro da COVID19 no próximo mês.

Com o aumento de casos de infectados, os órgãos de saúde recomendaram fortemente o distanciamento social como a medida mais efetiva para administrar o tamanho da crise no sistema de saúde. Isso levou vários países a adotar medidas drásticas de contenção, dentre elas, fechar parte relevante de suas economias e ampliar as restrições para os trabalhadores da indústria, assim como ocorreu na China. Estas incertezas fizeram com que os mercados precificassem uma depressão profunda da atividade econômica no curto prazo e uma recuperação incerta no médio prazo. O desafio agora, é entender qual é a duração deste cenário.

A perspectiva de depressão afetando o setor real da economia aliada à ameaça de uma ruptura do mercado financeiro, fez com que os Governos de diversos países tivessem uma forte atuação. Nos EUA, o Fed alinhou uma série de medidas com o objetivo de garantir a liquidez dos mercados. E, para a economia real, o governo norte-americano patrocinou um pacote de ajuda no valor de US\$ 2 trilhões, equivalente à aproximadamente 10% do PIB americano. No Brasil, também houve diversas medidas adotadas pelo Governo para mitigar a crise, como a redução da taxa de juros Selic e expectativa futura de novos cortes, bem como, pacotes de socorro à empresas, medidas de proteção do emprego e auxílio à trabalhadores informais, o que deve trazer algum alívio. Estima-se que a soma desses pacotes deva chegar a 6% ou 7% do PIB brasileiro.

Nesse cenário turbulento os investidores tiveram uma forte corrida para ativos mais líquidos e seguros, havendo assim uma grande aversão à risco, o que provocou a queda das Bolsas no mundo todo. No Brasil, o Ibovespa caiu 30% e o real desvalorizou-se 13,5% em relação ao dólar.

A variável-chave a ser monitorada é a estabilização e o início da queda de novos casos na Europa e EUA. A expectativa é que as medidas de isolamento possam ser eficazes no achatamento da curva de novos casos e evitar a sobrecarga dos sistemas de saúde.

Impacto na Previ-Siemens

Na Previ, somente o Perfil Conservador apresentou rentabilidade positiva. Os Perfis Moderado e Agressivo foram fortemente impactados pela desvalorização dos ativos de risco e apresentaram rentabilidade negativa. No curto prazo é esperada muita volatilidade nos preços dos ativos, mas mantemos a visão de que no longo prazo, com a retomada da economia, as empresas se recuperem e voltem a apresentar bons retornos.